

A CRIANÇA VETEROTESTAMENTÁRIA COMO PARTE DA REVELAÇÃO DIVINA

The Old Testament child as part of the divine revelation

Dr. Vanderlei Alberto Schach¹

RESUMO

O presente artigo descreve a concepção, o nascimento e os primeiros anos de vida de cinco crianças, a saber: Ismael, Isaque, Moisés, a Menina Anônima e Samuel. O relacionamento dos pais destas crianças com Deus também é descrito. É a partir deste relacionamento com Deus, que surge a concepção de uma criança. Estas crianças fazem parte e apontam para um futuro da manifestação divina em seu povo e outros povos bem como o cumprimento das promessas de Deus.

Palavras chave: Crianças. Filhos. Pais. Educação. Antigo Testamento.

ABSTRACT

This article describes the conception, birth and early years of five children, namely: Ishmael, Isaac, Moses, the Anonymous Girl and Samuel. The relationship of these children's parents to God is also described. It is from this relationship with God that the conception of a child arises. These children are part and point to a future of the divine manifestation in their people and other peoples as well as the fulfillment of the promises of God.

Keywords: Children. Parents. Education. Old Testament.

INTRODUÇÃO

A mídia já destacou vários crimes praticados contra as crianças por adultos. Num ambiente onde se reivindica o aborto² como direito, mães jogam seus recém-nascidos no lixo,

¹ O autor é bacharel em Teologia, mestre em Teologia (Bíblia) e doutor em Teologia Prática (pela EST), pastor e professor na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS). Pesquisa sobre crianças em situação de vulnerabilidade afetiva. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

em qualquer lugar. Crianças são jogadas pela janela do sexto andar, como o caso da menina Isabela Nardoni.³ Ou ainda o caso do menino boliviano Brayan Capcha⁴ que, após entregar suas economias aos assaltantes que invadiram sua casa, foi morto com um tiro na cabeça, mesmo implorando aos bandidos que não o matassem. Como se não bastasse, o UNICEF⁵ classifica o Brasil como 2º (perdendo apenas para Nigéria) país do mundo que mais mata crianças e jovens até 19 anos. Esta situação merece atenção especial por parte da autoridade competente, por isso a produção deste artigo.

Porém, na Bíblia não é assim. As crianças têm destaque especial, embora haja relatos de sacrifícios de crianças. Neste artigo serão descritas cinco crianças: Ismael; Isaque; Moisés; Menina anônima e Samuel. O critério de seleção é que estas são popularmente conhecidas e representam contextos e histórias diferentes com aplicações variadas.

Outro fator motivacional para este artigo, é a primeira ordem para Adão e Eva: “Sejam férteis e multipliquem-se” (Gn 1.28). Em outras palavras, eles deveriam ter nenês. Deus constrói a história da salvação a partir de crianças, mais precisamente nenês. A grande preocupação dos patriarcas em Gênesis era ter filhos. Abraão, homem de fé, somente se sentiu realizado com o nascimento de Isaque. Quando Rebeca, mulher de Isaque, teve dificuldades para ter filhos, Deus interveio e nasceram dois nenês: Esaú e Jacó (Gn 25.21). Deus tem amor especial pelos nenês.

Segundo a Teologia do Nenê, de Luiz Sayão, “a história da redenção divina poderia concentrar-se em batalhas ou em visões apenas, mas Deus faz questão de mostrar a primazia do nenê. Toda vez que alguma coisa especial vai acontecer lá está, adivinhe, o nenê”.⁶ Alguns nenês apresentam uma história especial, até mesmo de sobrevivência, como no caso de Ismael.

1. ISMAEL (GÊNESIS 16.1-15)

O termo⁷ usado para descrever o menino de Hagar (Gn 21.12ss) é נֶעָר (*na'ar*). Pode ser traduzido por “menino”, “garoto”, “jovem”, “criado”, “servo”. *Na'ar* tem mais de duzentas ocorrências. Eis algumas: “Ao abri-lo viu um *na'ar* [nenê] chorando” (Êx 2.6); “e Davi implorou a Deus em favor da *na'ar* [criança]” (2 Sm 12.16); 2 Sm 12.16 se refere ao filho *na'ar* [recém-nascido] de Bate-Seba; em 2 Sm 14.21, Absalão quando crescido é chamado de *na'ar* por seu pai: “Vá e traga de volta o jovem Absalão”; em 1 Sm 1.24, הַנֶּעָר הַיֵּנֶר (*hanna'ar na'ar*) “era o menino ainda muito criança”.

² Em relação ao aborto, o Código Civil, Artigo 2º, preconiza: “A personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida; mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro.”

³ CASO Isabela Nardoni. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Isabella_Nardoni>. Acesso em: 28 fev. 2017

⁴ MENINO boliviano deu suas economias a assaltante. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/menino-boliviano-deu-suas-economias-assaltante-191440626.html>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

⁵ RELATÓRIO UNICEF ECA 25 anos: avanços desafios para a infância e adolescência no Brasil. UNICEF. Jul. 2015. p. 32.

⁶ SAYÃO, 2013, p. 11.

⁷ A descrição dos termos hebraicos para descrever as crianças no Antigo Testamento acontece apenas neste capítulo, servindo de base para os demais.

As observações destes textos mostram que “o sentido básico [é] o de alguém na faixa etária entre o desmame e (especialmente) a juventude em idade de se casar”.⁸ Mas é pelo contexto que se consegue detectar melhor a idade da criança, pois o substantivo normalmente vem acompanhado por algum adjetivo, como por exemplo נַעֲרָה קְטַנָּה *na'arah qetannah* (menina pequena).

Contudo, no texto hebraico, enquanto Hagar se relaciona com Abraão é usado o termo יָלֵד (*yeled*), que pode ser traduzido por “criança”, “menino”, “jovem adulto”, “filho”, “filhotes”. Em 1 Reis 12.8-14 e 2 Cr 10.8-14 o rei Roboão, filho de Salomão, rejeitou o conselho dos homens idosos e seguiu o conselho dos jovens que tinham crescido com ele. Esses jovens o aconselharam a não atender ao pedido do povo, que desejava a diminuição da carga tributária, mas pelo contrário, aumentar mais a exploração desse. Esses jovens são descritos como *yeled*.

Outro exemplo é quando 42 meninos que caçaram de Eliseu foram despedaçados por duas ursos (2 Rs 2.24).⁹ Aqui o termo também é *yeled*. Em apenas uma ocorrência refere-se a feto (Êx 21.22). Em Jó 38.41 e 39.3 e Isaías 11.7 emprega-se o plural para designar os filhotes de animais. Em caso único a palavra é usada para descrever descendentes (Is 29.23). No sentido figurativo, é usada para representar Israel como “filhos da transgressão” (Is 57.4) ou “filhos das delícias” (Jr 31.20).¹⁰

Quando o relacionamento sai da esfera humana e passa para a divina, o substantivo *yeled* é substituído por נָעַר (*na'ar*). Parece que *na'ar* está menos ligado a conotações negativas e mais a indicações positivas. Assim, podemos entender que a consideração divina tem uma apreciação maior pelo ser humano do que os próprios seres humanos entre si. No amor divino não existem interesses, como aconteceu com Sara. Ela pressionou o nascimento de um filho, vindo posteriormente a descartá-lo com o nascimento de Isaque, que era o cumprimento da promessa.

No caso de Ismael, Abraão não conseguiu esperar a promessa feita por Deus se cumprir. Ele se tornou pai de Ismael por causa da impaciência dele e de sua mulher, Sara. Esta lhe deu sua serva Hagar por mulher para que concebesse e desse um filho a eles. Quando Abraão tinha 86 anos de idade, nasceu-lhe Ismael (Gn 16.16). Porém, quatorze anos depois nasceria o filho da promessa, Isaque. Quando ele foi desmamado, Abraão ofereceu uma grande festa e Ismael estava brincando com Isaque ou rindo dele. Sara viu a atitude de Ismael e falou a Abraão: “Livre-se daquela escrava e do seu filho, porque ele jamais será herdeiro com o meu filho Isaque” (21.10). O que Sara queria mesmo era que Abraão tomasse uma decisão legal em que Ismael fosse excluído da herança.

Abraão ficou muito perturbado, pois Ismael era seu filho. Porém, seguiu as instruções de Sara e na manhã seguinte despediu a Hagar e o menino com um odre de água e alguns pães. Ela perambulou pelo deserto de Berseba até que a água acabasse; colocou o menino debaixo de um arbusto e foi sentar-se a certa distância, porque não queria ver o menino morrer. O

⁸ FEINBERG, Charles L. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 978.

⁹ No verso anterior o termo é נַעֲרִים קְטַנִּים (*meninos pequenos*).

¹⁰ GILCHRIST, Paul R. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 620.

menino chorou, Deus ouviu seu choro e o anjo de Deus chamou a Hagar e lhe disse: “O que a aflige, Hagar? Não tenha medo; Deus ouviu o menino chorar, lá onde você o deixou. Levante o menino e tome-o pela mão, porque dele farei um grande povo” (21.17-18). Então ela viu uma fonte e deu de beber ao menino. Deus estava com ele. Cresceu no deserto de Parã, tornou-se flecheiro e casou-se com uma mulher egípcia.

Num momento de aflição, Hagar não percebeu os recursos que estavam próximos para suprir as necessidades do menino, mas Deus ouviu o seu choro e enviou um anjo para orientar Hagar. Da mesma forma, a igreja deve abrir seus olhos para perceber o seu potencial de captar os recursos próximos para ajudar as crianças. A igreja também deve proferir bênçãos proféticas às crianças, assim como Deus fez com Ismael. As crianças necessitam de um futuro de certezas.

Provavelmente Abraão estava bastante apegado a Ismael, pois disse a Deus: “Permite que Ismael seja o meu herdeiro” ou ainda “que Ismael viva na tua presença!” (Gn 17.18). Apesar do pedido de Abraão, Deus tinha um plano diferente. Do filho Ismael procederá uma grande nação, mas de Isaque, o filho da promessa, descenderá a nação de Israel, e finalmente por ela virá o Messias a todas as nações.¹¹

O nome de Ismael não é citado no NT, mas Paulo faz menção a ele como “filho da escrava” (Gl 4.29-31), ou seja, alguém que perseguia o filho da livre. O termo קִטְּץ (*tsāḥaq*), “rir” (*qal*); “divertir-se, caçar” (*piel*) em Gn 21.9, é de difícil tradução. Segundo Payne Barton, “o grau simples (*qal*) de *tsāḥaq* transmite a ideia de “rir”, seja de alegria, seja de incredulidade. O grau intensivo *piel* tem a conotação positiva de “divertir-se” e “brincar” e a negativa de “zombar” e “escarnecer”.¹² O verbo em questão está na forma *piel* e Ismael poderia estar apenas rindo na forma de brincadeira ou até mesmo no sentido negativo, zombando de Isaque. Se for esse o caso, então Paulo está correto ao afirmar que Ismael perseguia Isaque, do contrário Paulo pode ter se apoiado exageradamente em interpretações rabínicas.

Apesar de Sara ter sido dominada por forte ciúme em relação a Ismael, pode-se observar um princípio de atitude de mãe substituta, embora este tenha perdurado apenas até o nascimento de Isaque. Ser mãe substituta é uma vocação que na sociedade atual é dificilmente desenvolvida. Outro fator importante para proteção da criança é a família acolhedora. Nesta, a criança que se encontra desprovida momentaneamente de seus pais pode morar com esta família até que sua situação seja juridicamente encaminhada.

2. ISAQUE (GÊNESIS 21.1-7)

O pai de Isaque foi chamado por Deus para sair de sua terra em Harã¹³ aos 75 anos de idade, com a promessa de que daria origem a um grande povo. Levou sua mulher, Sarai, e seu sobrinho, Ló (provavelmente órfão), juntamente com todos os bens e mais os servos adquiridos em Harã. Eles chegaram em Canaã (Gn 12.1-6). Abraão deveria deixar para trás sua

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2003. v. 6, p. 4480.

¹² BARTON, J. Piye. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1280.

¹³ Estevão, em sua defesa no Sinédrio, diz que Abraão morava na Mesopotâmia antes de habitar em Harã (At 7.2 cf. Gn 15.7, Ur dos caldeus).

terra, seus parentes e a casa de seu pai (Gn 12.1) – exatamente as coisas que nos dão segurança. O fato de ter comprado servos, algo legítimo para a época, revela que talvez essa prática “perversa tenha se iniciado na família de Sem, quando Noé amaldiçoou Canaã, seu neto, com a escravidão (Gn 9.25). O fato de Abrão seguir essa prática tão comum em sua cultura e época mostra que ele não havia sido ensinado sobre o princípio estabelecido por Deus no início da criação”. Abel Ndjerareou ainda explica que “todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus e chamados para exercer domínio sobre os animais e coisas, mas não sobre outros seres humanos (Gn 1.29-30)”.¹⁴

Em Canaã, o Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: “À sua descendência darei esta terra. Abrão construiu ali um altar dedicado ao Senhor, que lhe havia aparecido” (Gn 12.7). Em Canaã, ele recebeu mais informações de Deus sobre essa terra. Deus já sabia antecipadamente que, para constituir um povo, é necessária uma terra para que as pessoas possam se reunir para adorar, identificando-se com o lugar. De Canaã prosseguiu para as colinas de Betel, onde armou seu acampamento. Também “construiu ali um altar dedicado ao Senhor e invocou o nome do Senhor” (Gn 12.8).

O fato de Abrão edificar altares aonde chegava mostra que Deus é o dono de toda a terra e não qualquer outro deus, portanto poderia ser-lhe concedida. O comportamento de Abrão também aponta o fato de não usar a violência contra nações ou pessoas que pensavam diferente, mesmo tendo as promessas de Deus. Tudo o que Abrão fazia era construir altares ao Senhor e assim lentamente ia se apossando da Terra Prometida.

Por causa da fome em Canaã, Abrão teve que se mudar para o Egito por algum tempo. Essa atitude mostra que, mesmo estando na Terra Prometida, as pessoas podem passar por necessidades. Foi o que aconteceu com Abrão. Os princípios da Teologia da Prosperidade ensinam que não se pode passar por necessidades ou problemas quando se está dentro da vontade de Deus. A experiência de Abrão contraria totalmente os ensinamentos desse tipo de teologia.

Após Abrão separar-se de seu sobrinho Ló, Deus novamente confirma a ele a promessa da terra para sua descendência: “Toda a terra que você está vendo, darei a você e à sua descendência para sempre” (Gn 13.15). “Então Abrão mudou seu acampamento e passou a viver próximo aos carvalhos de Manre, em Hebrom, onde construiu um altar dedicado ao Senhor” (Gn 13.18). Ele pode ter entregado a melhor parte da terra, mas as promessas de Deus indicam que ele e sua descendência seriam os donos da terra em todas as direções. Abrão recebeu a terra do verdadeiro proprietário (Êx 9.29), situação diferente de quando alguém recebe terra dos chefes de Estado e por vezes envolvidos em corrupção.

Quando Abraão recebe três visitantes celestiais, e estes também anunciam a Sara que ela terá um filho na sua velhice, “riu-se consigo mesma” (Gn 18.12). Embora estivesse na parte interior da tenda, os visitantes perceberam sua atitude (Gn 18.13). “Sara teve medo, e por isso mentiu: ‘Eu não ri’. Mas ele [um dos visitantes] disse: ‘Não negue, você riu’” (Gn 18.15). O pecado de Sara não foi menor do que o de seu marido, porém ela não tinha noção exata do teor da conversa dos visitantes com Abraão. O seu pecado consistiu em negar que rira.

Abraão saiu de onde habitava, nos carvalhais de Manre (Gn 18.1), e foi para a “região do Neguebe [...] viver entre Cades e Sur. Depois morou algum tempo em Gerar” (Gn 20.1) onde

¹⁴ NDJERAREOU, Abel. In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 30.

Abimeleque era rei. Este mandou buscar Sara e tomou-a para si como esposa, pois Abraão dizia que ela era apenas sua irmã (Gn 20.2) pensando que assim poderia preservar sua vida. Abimeleque levou-a para seu próprio harém, colocando em risco a promessa divina por meio de Sara. Abraão repetiu a mesma mentira aplicada ao Faraó no passado (Gn 12.10-20) e não viu necessidade de melhorar seu caráter.

Deus foi bondoso com Sara quando Abimeleque a devolveu para Abraão e ela engravidou dele (Gn 21.1), cumprindo assim Deus Sua promessa feita havia aproximadamente um ano (Gn 18.10). Abraão tinha cem anos de idade quando Isaque nasceu (Gn 21.5), ou seja, 25 anos depois que Deus prometera abençoá-lo pela primeira vez (Gn 12.4). O nascimento de Isaque transformou a dor da esterilidade de Sara em alegria, tanto para ela como mãe como para outras pessoas que ouviriam seu relato (Gn 21.6). Contudo, o fato de Sara ter agora dois filhos também trouxe novos desafios. Segundo o comentarista africano Abel Ndjerareou, Abraão e Sara se deparam com um conflito familiar. Esses “conflitos familiares são típicos em casamentos poligâmicos”.¹⁵

Na sociedade ocidental, os conflitos familiares são típicos de novos casamentos após o divórcio do primeiro. Geralmente o conflito se dá quanto aos filhos que a mulher teve no primeiro casamento em relação ao padrasto que não os aceita muito bem. Não são raros os relatos de violência e de abuso sexual cometidos por padrastos. Também é típico o homem dizer à mulher: “Eu fico contigo, mas não quero teu(s) filho(s)”. Esse é um dos principais motivos por que algumas crianças vão parar em casas de acolhimento.

Após a expulsão de Hagar e Ismael, Abraão faz um acordo com Abimeleque, garantindo que não o enganaria mais. Firmado o acordo, em Berseba, ele planta uma tamargueira e invoca o nome do Senhor. “Era costume, em Canaã, adorar a Deus debaixo das árvores e plantá-las em memória de algum ato de significado religioso”.¹⁶

Passado certo tempo, Deus pediu a Abraão que sacrificasse seu filho Isaque, a quem tanto amava (Gn 22.1-2). Segundo Kevan, “sacrifícios de crianças eram algo comum na época de Abraão”. Porém, Deus tinha propósitos diferentes com Isaque. Kevan enumera três: 1) provar Abraão; 2) acabar com os sacrifícios infantis e 3) apontar para Cristo, o Cordeiro de Deus.¹⁷ Sobre esse último propósito, Isaque faz uma pergunta intrigante a seu pai: “Meu pai, temos fogo e lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gn 22.6-7). Abraão respondeu: “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho”. E os dois continuaram a caminhar juntos (Gn 22.8).

Finalmente, a pergunta de Isaque também é respondida ao longo da história da salvação (*Heilsgeschichte*). Ele pergunta onde está o cordeiro. João Batista responde ao ver Jesus: “Vejam! É o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). Já na visão apocalíptica, os anjos, seres vivos e anciãos cantam em alta voz: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” (Ap 5.11-12).

Abraão tinha propósitos bem definidos para orientar seu filho. O fato de “caminhar juntos” (Gn 22.5,6,8,19) mostra a união entre pai e filho e também com os servos. Estavam unidos em torno do mesmo objetivo – adorar a Deus. Os propósitos bem definidos e a

¹⁵ NDJERAREOU, Abel. In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 42.

¹⁶ KEVAN, E. F. In: DAVIDSON, F. (Ed.). *O novo comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 103.

¹⁷ DAVIDSON, 1994, p. 103.

resposta do pai ao filho deram muita segurança a Isaque. Aqui se percebe novamente que os pais devem orientar seus filhos.

Outro cuidado especial que Abraão teve com seu filho foi providenciar uma esposa para ele, conforme os costumes da época. Isso aconteceu após a morte de Sara. A moça teria que ser da parentela e da terra de Abraão (Gn 24.4). Incumbiu disso seu servo mais velho (Gn 24.2). Sob juramento, este partiu para a Mesopotâmia em direção à cidade onde Naor tinha morado, levando os melhores presentes.

Ao cair da tarde, quando as mulheres saíam para buscar água, ele fez os camelos se ajoelharem junto à fonte (Gn 24.10-11). Por causa da importância de sua incumbência e para saber exatamente qual mulher abordar, orou assim: “Senhor, Deus do meu senhor Abraão, dá-me neste dia bom êxito e seja bondoso com o meu senhor Abraão. Como vês, estou aqui ao lado desta fonte, e as jovens do povo desta cidade estão vindo para tirar água. Concede que a jovem a quem eu disser: ‘Por favor, incline o seu cântaro e dê-me de beber’, e ela me responder: ‘Bebe. Também darei água aos teus camelos’, seja esta que escolheste para teu servo Isaque. Saberei assim que foste bondoso com o meu senhor” (Gn 24.12-14).

Antes que ele terminasse a sua oração, apareceu Rebeca, sobrinha de Abraão, trazendo no ombro seu cântaro. Ela era muito bonita, e virgem. O servo se aproximou e lhe pediu um pouco de água. Ela prontamente o atendeu e também deu de beber aos camelos, conforme a oração do servo. Este a observava para ver se era essa a jovem para Isaque (Gn 24.15-21).

A oração do servo se confirmou quando a jovem, muito prestativa e solícita, deu água aos dez camelos, o que já é bastante trabalhoso e ainda mais para uma pessoa que ela não conhecia. Portanto, o sinal da confirmação não foi um fato corriqueiro como “aquela que me cumprimentar” ou “aquela que estiver tirando água”. O sinal pedido identificou as qualidades para a vida conjugal. O servo estava procurando uma moça de confiança e prestativa. Ao servir aos camelos, ela própria tomou a iniciativa mostrando ser pronta a servir e fazer mais do que apenas o solicitado. Tendo essas qualidades, seria a mulher ideal para Isaque.

O próximo passo do servo em sua missão foi falar com os pais de Rebeca. Ela era filha de Betuel, filho de Naor e Milca. Assim, a mulher para Isaque estava dentro do clã de Abraão. Após ter o consentimento deles, levou Rebeca para Isaque (Gn 24.50-51).

Atualmente, percebe-se que entre os jovens há o seguinte comportamento: um convida o outro para que morem juntos. O relacionamento se inicia pelo ato sexual. O rapaz não pede o consentimento dos pais, nem do Estado e nem da igreja. É como se furtasse a moça de sua família e de seu ambiente social. Diante de uma situação que exige legalidade, ao responder a pergunta se é solteiro ou casado, ele ainda é forçado a mentir dizendo que é solteiro, desvalorizando a mulher com quem vive. Quando ocorre o primeiro conflito conjugal, se separam e partem para um novo relacionamento sem pensar nas consequências.

Outro destaque importante na narrativa bíblica é que “a jovem era muito bonita e virgem; nenhum homem tivera relações com ela” (Gn 24.16). Atualmente, para a maioria dos jovens a virgindade é vista como algo do passado e de pessoas sem informação. Contudo, a virgindade, tanto da mulher como do homem, protege da fragmentação emocional, evitando problemas futuros no casamento.

Quando o servo voltou para a casa de Abraão, encontrou Isaque no campo e lhe entregou Rebeca. “Isaque levou Rebeca para a tenda da sua mãe Sara; fez dela sua mulher, e a amou; assim Isaque foi consolado após a morte de sua mãe” (Gn 24.67).

Com o falecimento de seu pai, Isaque continuou com o exemplo deixado por ele. “Isaque construiu neste lugar um altar e invocou o nome do Senhor. Ali armou acampamento e seus servos cavaram outro poço” (Gn 26.25). Por outro lado, Isaque também herdou um exemplo negativo de seu pai. Estando ele em Gerar, os homens daquele lugar lhe perguntaram sobre sua mulher. Ele respondeu que era sua irmã, porque era muito bonita e alguém poderia matá-lo por causa de Rebeca. Assim tentou preservar sua vida. Porém a mentira foi descoberta (Gn 26.7-11). “Isaque estava em Gerar já fazia muito tempo. Certo dia, Abimeleque, rei dos filisteus, estava olhando do alto de uma janela, quando viu Isaque acariciando Rebeca, sua mulher” (Gn 26.8). Do exemplo de Isaque pode-se concluir que os filhos aprendem com seus pais, seja algo negativo ou positivo.

3. MOISÉS (ÊXODO 1 – 2.1-10)

Moisés é outro nenê digno de destaque. Nasceu em meio a um programa político de opressão e aniquilamento criado pelo rei do Egito. Este era um dos mais poderosos reis da região do Crescente Fértil. O povo hebreu aumentava muito. Com isso, o rei sentiu-se ameaçado e sujeitou todo o povo hebreu a cruel escravidão. O povo construiu as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés, além de trabalhar pesado na agricultura e em olarias. Mesmo assim, o povo continuava crescendo. A estratégia de controle de natalidade dos meninos hebreus falhara.

Diante do desenfreado aumento do povo hebreu, o rei do Egito ordenou às parteiras dos hebreus: “Quando vocês ajudarem as hebreias a dar à luz, verifiquem se é menino. Se for, matem-no; se for menina, deixem-na viver” (Êx 1.16). Porém as parteiras Sifrá e Puá temeram a Deus e não seguiram a orientação macabra do rei, deixando viver os meninos. Com a “desobediência” das parteiras, o rei desta vez ordena a todo o povo: “Lancem ao Nilo todo menino recém-nascido, mas deixem viver as meninas” (Êx 1.22). Agora a lei valia não somente para as parteiras ou outros funcionários, mas todo o povo egípcio deveria colaborar no extermínio dos meninos. Por trás da brutalidade de um ser humano existem fortes emoções. O Faraó sentia medo de perder o controle, da exposição e humilhação.

Segundo Pinky Riva, os hebreus entendem que “os filhos e filhas que nascem de um casal não são apenas uma alegria para o presente e uma segurança para o futuro; são, além disso, uma afirmação de esperança, de que se pode apostar no futuro, confiando-lhe nossa própria semente”.¹⁸ Riva ainda afirma que os escravos hebreus “devem ter pensado ou sentido isso; hoje também se sente da mesma maneira, senão muitos já não teriam filhos e filhas”.¹⁹

Riva cita alguns itens usando o exemplo de Faraó:

Definitivamente não importava ao Faraó o custo humano de suas decisões, decisões que seus medos o levaram a tomar. Motivados pelos medos de perda de controle e hegemonia, muitas vezes a economia de mercado, as transnacionais, o crescimento econômico, o superávit fiscal ditam as políticas que os governantes devem aplicar, sem considerar – como o Faraó – o custo humano.²⁰

¹⁸ RIVA, Pinky. In: SEGURA, Harold. PEREIRA, Welinton. (Org.). *Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 85.

¹⁹ RIVA, 2012, p. 85.

²⁰ RIVA, 2012, p. 86.

O edito faraônico de matar os meninos ainda estava em vigor. As parteiras correram sérios riscos ao não atender ao Faraó. Contudo, abriram suas bocas com um valente “sim” a favor da vida e um forte “não” para a morte. Pode-se aprender com as parteiras a dizer um “não” a tudo o que os “faraós de plantão no âmbito político, econômico, social e religioso mandam e tentam impor e que atente contra a vida em suas múltiplas manifestações”.²¹

Em meio a esta estratégia de diminuir as famílias hebreias, o texto diz que “um homem da tribo de Levi casou-se com uma mulher da mesma tribo, e ela engravidou e deu à luz um filho. Vendo que era bonito, ela o escondeu por três meses” (Êx 2.1-2). O pai de Moisés foi muito corajoso diante da ordem do rei do Egito. Casou-se e teve um filho. Esse homem apostou na família forte para a libertação da escravidão. Da mesma forma, a mãe do menino preservou a vida. Isso significa que quando as famílias são fortes e unidas, a sociedade também é forte. O plano do governo egípcio era enfraquecer as famílias para poder continuar a subjugar-las.

O mesmo ainda acontece na atualidade. Alguns “faraós”, no âmbito político, criam leis para enfraquecer a família e com isso conseguem “vender seu peixe”, ou seja, continuam a explorar os mais fracos. Quanto mais debilitada for uma sociedade, mais interferência ela exige do governo. Cada fragmento societário exige um tipo de lei para atender a suas necessidades. Carl Marx e Friedrich Engels declararam no Manifesto do Partido Comunista (1848) a “Supressão da família!”²² Esta supressão está embutida no conteúdo dos partidos de ideologia marxista de forma geral. Especificamente, é praticada por professores em escolas das séries iniciais. Normalmente estes professores já foram bitolados nas universidades brasileiras em sua maioria também de cunho marxista. Portanto, não têm o poder de classificar o conteúdo para seus alunos, que ainda são crianças na qualidade de pré-adolescente ou adolescente. E mesmo que quisessem, não conseguiriam, visto que o livro texto é disponibilizado pelo Ministério da Educação e Cultura com material erótico impróprio para crianças.²³

Quando Joquebede, mãe do menino, não conseguiu mais mantê-lo escondido dentro de casa, “pegou um cesto feito de junco e o vedou com piche e betume. Colocou nele o menino e deixou o cesto entre os juncos, à margem do Nilo” (Êx 2.3). Ela deve ter contado com a cumplicidade de seus vizinhos e amigos, que tinham ficado sabendo do nascimento do menino mas se calaram e não o jogaram no Nilo. O NT explica esse ato como um ato de fé. O bebê era bonito, e o autor aos Hebreus acrescenta: “Pela fé Moisés, recém-nascido, foi escondido durante três meses por seus pais, pois estes viram que ele não era uma criança comum, e não temeram o decreto do rei” (Hb 11.23). Em seu discurso no Sinédrio, Estêvão afirma que Moisés fora criado por três meses na casa do seu pai (At 7.20)

As três mulheres – Joquebede, Miriã e a filha do rei – não obedeciam a leis que viessem a praticar injustiças contra pessoas indefesas. Elas têm um sentido especial para defender a vida dos indefesos e dos que elas amam. Desenvolvem misericórdia diante do pequeno necessitado, ainda que essas atitudes representem perigo diante dum rei insensível. Salvaram a vida do menino e a filha do Faraó lhe deu o nome de Moisés. A mesma curiosidade que despertara a

²¹ RIVA, 2012, p. 88.

²² Veja maiores informações em: SCHACH, Vanderlei A. Família x Socialismo. O Batista Pioneiro. Ano 90, nº 09. Set. 2016. p.16.

²³ Veja maiores informações em: SCHACH, Vanderlei A. Família x Escola. O Batista Pioneiro. Ano 90, nº, 12. Dez 2016. p.16.

filha do rei também despertará Moisés diante do arbusto que não se consumia pelo fogo (Êx 3.3). Atitudes como as dessas mulheres poderiam atualmente salvar centenas e centenas de crianças da exploração sexual, do abuso e do tráfico.

Mas a história de Moisés é mais que apenas uma salvação milagrosa, é a história da cumplicidade entre mulheres de diferentes classes sociais, diferentes identidades étnicas e culturais, diferentes condições de vida, diferentes privilégios. Todas estas mulheres elegeram a resistência criativa em favor da vida a quaisquer das diferenças que as separavam. Não sabemos se o fizeram porque a vida deve ser preservada, por um ‘instinto materno’, porque consideraram déspotas e cruéis as ordens de Faraó... ou por sua fé. O que sabemos é que graças a suas ações transgressoras dos limites habituais, houve uma vida que resistiu de forma milagrosa, permitindo que surgisse um ‘herói’ chamado Moisés. Ou seja, líderes que não surgem por si sós, levantam-se a partir da fé e da confiança de muitos que creem em uma vida melhor.²⁴

Moisés cresceu em dois ambientes diferentes. Por ser hebreu – e aí é necessário destacar que ele foi educado quando criança – se identificou com seus irmãos hebreus. Por outro lado, cresceu num ambiente egípcio: filho adotivo²⁵ da filha do Faraó, foi educado em uma das culturas mais desenvolvidas da época e tornou-se um líder extraordinário. Para tanto, as crianças precisam ser preservadas em seu meio e educadas para que saibam que atitudes desenvolver na fase adulta. Elas não podem ficar à mercê da própria sorte, como ensinam alguns segmentos da sociedade – por exemplo, a mídia invasiva.

A silenciosa resistência das mulheres salvou vidas, porém ainda não foi o suficiente. Moisés teve que exercer uma ação política de insurreição contra o poderoso Faraó para poder levar seu povo finalmente à liberdade.

4. MENINA ANÔNIMA (2 REIS 5.1-19)

Em 2 Reis 5.1-19 encontra-se registrada a história de uma menina – que não tem o seu nome mencionado no texto – na qual também aparece o termo *naar*. Quando as tropas da Síria invadiram Israel sob o comando de Naamã, levaram cativa uma נַעֲרָה קָטָן (*na'ara qāton*), “menina pequena”. Era provavelmente pré-adolescente e tornou-se escrava da mulher de Naamã. Vítima do sistema internacional violento, essa menina sem nome passou pela grave situação de ver os inimigos chegando, destruindo e saqueando Israel. Ela deixou para trás seus pais e irmãos, que possivelmente foram mortos no ataque sírio. Deixou também seus amigos, sua casa, sua boneca preferida e tantas outras coisas. O texto bíblico mostra um claro contraste entre a menina e Naamã (ela anônima, ele Naamã; ela vulnerável, ele poderoso; ela sem família, ele com família). Quando Naamã descobriu que estava com lepra²⁶, a menina cativa falou à sua senhora: “Se o meu senhor procurasse o profeta que está em Samaria, ele o

²⁴ RIVA, 2012, p. 92.

²⁵ De Vaux informa que na Mesopotâmia a adoção era normalmente praticada e tinha por finalidade compensar a falta de filhos e ajudar na velhice. Já as leis do AT não contêm disposição alguma em relação à adoção em sentido estrito. Portanto, adoções como a de Moisés não são reconhecidas como verdadeiras. DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. p. 74-75.

²⁶ O termo נֶצַר (*tsāra*) não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele, também nos versículos 3, 6, 11 e 27.

curaria da lepra” (2 Rs 5.3). A frágil menina possuía a solução que o poderoso Naamã não possuía.

Esta menina tinha tudo para se rebelar contra Deus e contra sua senhora. Ela poderia ter pensado: “Já que sou escrava de Naamã e estou aqui sofrendo, nem sei o que aconteceu aos meus pais, por mim que morra duma vez, assim também me vingol!”. Mas na hora certa ela mostra a graça de Deus. Uma mulher, ainda menina, é usada por Deus para cumprir Seus propósitos²⁷ tanto em Naamã (para lhe mostrar que não era o todo-poderoso) como também em Israel (para mostrar que ainda havia um Deus poderoso – 2 Rs 5.15). Essa menina anônima tornou-se protagonista da paz e da vida ao exercer a teologia a partir do que havia provavelmente aprendido dos seus pais sobre Deus. Isso significa que a criança é dotada de capacidade espiritual e consegue captar as verdades espirituais. Por esse motivo, os pais devem ensinar seus filhos sobre Deus.

Após Naamã ter se banhado sete vezes no rio Jordão, sua pele ficou como a de um קטן נֶעַר (*na'ar qatón*), “menino pequeno”. Para o biblista mexicano Edesio Cetina, a expressão hebraica “*naar qatón* é o correspondente masculino da frase feminina hebraica do versículo dois: ‘menininho’. Deste modo, o autor do relato coloca tudo que foi dito nos versículos 3-13 no marco formado pelos versículos 2 e 14 onde se encontra a expressão ‘menininha/o’”.²⁸ De acordo com o narrador bíblico, a salvação do poderoso Naamã significa converter-se em um menino e receber o reino de Deus como uma criança. Prova da sua conversão pode ser o seu retorno ao profeta Eliseu, quando diz: “Agora sei que não há Deus em nenhum outro lugar, senão em Israel. Por favor, aceita um presente do teu עֶבֶד (*ebed*), ‘servo’” (2 Rs 5.15). Naamã se colocou no mesmo nível dos seus criados, apesar de todo o seu *status* social, político e militar.

Por sua atitude de amor e perdão, a menina anônima nem precisou ter seu nome conhecido. Ela fez com que uma mulher lhe desse atenção, um rei se desesperasse e rasgasse suas vestes, um general se humilhasse, um soldado confrontasse seu general, um profeta fosse encontrado e o general fosse curado. Por fim, Deus foi exaltado. Essa menina anônima no Reino dos Céus será muito conhecida.

Deus salva explorados e exploradores, e o mais interessante: a partir de crianças, que normalmente são as maiores vítimas.

5. SAMUEL (1 SAMUEL 1.1 - 2.11)

Elcana e suas mulheres, Ana e Penina, anualmente se dirigiam a Siló para adorar e sacrificar ao Senhor dos Exércitos. Em Siló, Eli era sumo sacerdote e vivia com seus dois filhos, Hofni e Fineias, que eram sacerdotes do Senhor (1 Sm 1.3). Ana era estéril. No dia em que Elcana oferecia sacrifícios, dava porções a sua mulher Penina e seus filhos, mas a Ana dava uma porção dupla, porque a amava, apesar de o Senhor a ter deixado estéril. Por causa disso, sua rival a irritava continuamente. Isso se repetia todos os anos quando Elcana ia adorar na

²⁷ Também poderia ser uma resposta à Josafá, rei de Judá. Veja 2Re 3.11.

²⁸ CETINA, Edesio Sánchez. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton. (Orgs.). *Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância*. Tradução de Flávio Conrado, Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012. p. 80.

casa do Senhor; Ana chorava e não comia (1 Sm 1.4-8). Elcana tentava consolá-la dizendo que era melhor do que dez filhos.

Em certa ocasião, Ana se levantou quando terminou de comer e beber e, com a alma amargurada, chorou muito. Ela orou ao Senhor fazendo um voto: “Ó Senhor dos Exércitos, se tu deres atenção à humilhação de tua serva, te lembrares de mim e não te esqueceres de tua serva, mas lhe deres um filho, então eu o dedicarei ao Senhor por todos os dias de sua vida, e o seu cabelo e a sua barba nunca serão cortados” (1 Sm 1.11).

Eli, que estava assentado junto à entrada do santuário do Senhor, observava a oração de Ana. Como orava silenciosamente e somente seus lábios se mexiam, Eli a julgou embriagada. De tantas mulheres que ele havia visto, já não conseguia discernir as que vinham para adorar verdadeiramente e as que não tinham temor diante de Deus. Porém, com delicadeza ela respondeu que não se tratava de embriaguez, mas que ela era uma mulher muito angustiada e que estava derramando sua alma diante do Senhor. Por isso, Eli não deveria julgá-la como uma mulher vadia – assim aparece em algumas traduções da Bíblia, como a NVI (1 Sm 1.16).

O que Ana mais queria era apenas ser ouvida por Deus e não por homens com seus preconceitos e julgamentos. Não pediu ao sacerdote que orasse por ela, mas ela mesma orou diante de Deus. Essa mulher teve a coragem de se apresentar diante do Senhor.

Os sacerdotes Hofni e Fineias buscavam lucrar nas ofertas e nos sacrifícios (1 Sm 2.12ss) do povo a Deus. O mesmo se pode perceber atualmente em alguns arraiais religiosos. O líder religioso responsável por determinada igreja evangélica e que se intitula profeta ou apóstolo cobra dos fiéis taxas para orações. O valor das taxas muda de acordo com o pedido. Se o fiel não é atendido em seu pedido é porque não tem fé ou está em pecado.

Em sua oração, Ana pediu a Deus que lhe desse filhos para que não fosse mais envergonhada. Os hebreus não dispunham, na época, de métodos científicos a ponto de entender o motivo da esterilidade dela, por isso Deus era o único tribunal em casos de problemas ginecológicos. Ana provavelmente já havia conversado com seu marido em casa sobre o voto que fazia, pois tal só teria valor com a aprovação do marido (Dt 30.8).

Parte do culto dos hebreus consistia em fazer um voto quando almejavam uma bênção especial – como ter um filho, no caso de Ana. O voto feito por ela era de cunho espiritual. Se Deus lhe desse um filho, ela o dedicaria ao serviço no tabernáculo. Além disso, ele ainda deveria cumprir com o voto do nazireu: não poderia cortar o cabelo e a barba e nem beber vinho.

Nos dias de Eli, o sacerdócio havia se degradado muito devido ao excesso de imoralidade dos seus filhos. Porém, o próprio Eli parecia ser uma pessoa sincera diante de Deus, pois julgou Israel durante quarenta anos (1 Sm 4.18). O nazireu que estava sendo pedido a Deus viria com a grande missão de reverter o quadro imoral em que se encontrava o culto no santuário de Siló.

Elcana continuava fiel e subia de ano em ano para adorar, mesmo com a má reputação que os filhos de Eli haviam dado ao santuário. Para piorar a situação, “naqueles dias raramente o Senhor falava, e as visões não eram frequentes” (1 Sm 3.1). Esses fatos faziam com que o comparecimento do povo às festas fosse gradualmente diminuindo, pois o povo recebia pouco auxílio espiritual – situação semelhante ao que acontece atualmente no mundo evangélico. Apesar da falta de consideração para com os ofertantes e das imoralidades que aconteciam no santuário por parte dos filhos de Eli (1 Sm 2.17,22), Deus honrou a sinceridade de Ana e lhe

proveu um milagre. Isso significa que a bênção para os filhos de Deus nem sempre é devida ao “destaque” ou até mesmo à fidelidade do líder religioso. Por ser justo, Deus honra a honestidade das pessoas que O buscam em qualquer situação.

Ana ainda era ridicularizada pela sua rival que possuía filhos, fato que também leva a crer que Penina não revelava temor a Deus. A adoração para Ana ficou tão difícil a ponto de ela se entristecer e não comer. Enquanto todos festejavam, Ana derramou sua alma diante de Deus. Não amaldiçoou o dia do seu nascimento, nem do seu casamento e nem seu marido. Também não tratou com hostilidade os filhos de Penina e nem abandonou a Deus. Ana não procurava ter um filho por motivos egoístas ou para que lhe cuidassem na sua velhice, mas estava disposta a entregar seu filho a Deus para ser nazireu.

“Vá em paz, e que o Deus de Israel lhe conceda o que você pediu” (1 Sm 1.17). Essa foi a bênção pronunciada por Eli quando Ana concluiu sua oração. Ela tinha plena certeza de que Deus haveria de atendê-la e assim “seguiu seu caminho, comeu e seu rosto já não estava mais abatido” (1 Sm 1.18). Ela não esperou engravidar para confiar em Deus, simplesmente passou a viver como se o problema já não existisse mais.

“Assim Ana engravidou e, no devido tempo, deu à luz um filho. E deu-lhe o nome de Samuel, dizendo: ‘Eu o pedi do Senhor’”. “Samuel” ainda pode assemelhar-se à palavra hebraica para “ouvido por Deus” (1 Sm 1.20). A espontaneidade da oração de Ana mostra o quanto ela conhecia seu Deus. A confiança total também é um exemplo da compreensão da fraqueza humana pela qual ela estava passando, além de ser injustiçada por Penina. Deus lhe fez justiça. A oração de Ana termina entregando Samuel ao sacerdote Eli (1 Sm 2.11).

Ana desmamou o **הַנֶּעֶר הַנָּעַר** (*hanna'ar na'ar*), “menino ainda muito jovem”, consagrou-o ao Senhor e ele ficou morando em Siló. Ele “ministrava perante o Senhor” (1 Sm 2.18). Deve ter aprendido com sua mãe, ainda em casa, a temer a Deus, obedecer aos ensinamentos de Eli, não se importar com as possíveis hostilidades dos seus meio-irmãos e nem com as maldades dos filhos de Eli.

Para que haja crescimento em santidade e conhecimento de Deus, não basta apenas fazer tudo legalmente. Os sacerdotes Hofni e Fineias faziam tudo “conforme mandava o figurino” e talvez conhecessem todo o processo religioso, mas nunca haviam tido um encontro pessoal com Deus para conhecê-Lo e poder ensinar as pessoas que vinham até eles. Eles foram considerados filhos de Belial, talvez também por terem se envolvido excessivamente nos trabalhos sagrados lhes tenha faltado a experiência de relacionamento paternal emocional.

O menino Samuel começou a ministrar perante o Senhor sob a direção de Eli, cujos olhos já estavam ficando fracos (1 Sm 3.1) possivelmente devido à sua idade, pois morreu aos 98 anos (1 Sm 4.15). A visão fraca de Eli pode também representar não somente a sua condição física, mas também a espiritual. Da mesma forma, a lâmpada que ainda não havia se apagado também pode representar simbolicamente a escuridão do santuário.²⁹ Somente o pequeno Samuel estava radiante diante do seu futuro em relação a Israel.

Samuel ainda não havia tido uma experiência com Deus nem havia aprendido a ouvir Sua voz, contudo sua autodisciplina rigorosa de se levantar três vezes durante a madrugada o preparou para receber a mensagem de Deus. A obediência era um requisito importante para

²⁹ O fato de a lâmpada ainda não ter se apagado pode indicar que o chamado de Deus a Samuel pode ter ocorrido na madrugada, antes do clarear do dia (veja Êx 27.20-21, cf Lv 24.2).

ter a aprovação de Deus. A obediência de Samuel também contrasta com a desobediência dos filhos de Eli.

Depois da terceira vez em que Samuel se levantou, Eli o instruiu como deveria responder à voz que estava ouvindo: “Fala Senhor, pois o teu servo está ouvindo” (1 Sm 3.10). E novamente Samuel ouviu a voz: “Vou realizar em Israel algo que fará tinir os ouvidos de todos os que ficarem sabendo. Nessa ocasião executarei contra Eli tudo o que falei contra sua família, do começo ao fim. Pois eu lhe disse que julgaria sua família para sempre, por causa do pecado dos seus filhos, do qual ele tinha consciência; seus filhos se fizeram desprezíveis, e ele não os puniu. Por isso jurei à família de Eli: ‘Jamais se fará propiciação pela culpa da família de Eli mediante sacrifício ou oferta’” (1 Sm 3.11-14).

Samuel, porém, ficou deitado até pela manhã. Mesmo sendo criança, a visão que ele tivera durante a noite não o fez parar com suas atividades diárias. Levantou-se, abriu as portas da casa do Senhor e teve medo de contar a visão a Eli. Porém Eli o chamou amavelmente de “meu filho” para que lhe contasse a visão. Logo em seguida, falou em tom de ameaça: “O que o Senhor lhe disse? Não esconda de mim. Deus o castigue, e o faça com muita severidade, se você esconder de mim qualquer coisa que Deus lhe falou” (1 Sm 3.17). Então Samuel lhe contou tudo sem nada esconder. Eli disse: “Ele é o Senhor; que faça o que lhe parecer melhor” (1 Sm 3.18). Eli deve ter dado essa resposta a Samuel porque já havia recebido um “homem de Deus” (1 Sm 2.27) que anunciara o destino da sua família. Mesmo assim, não tomara providências em relação aos seus filhos e a si mesmo. A profecia do homem de Deus narrada na terceira pessoa do plural – “por que vocês zombam” (1 Sm 2.29) – dá a entender que Eli honrava mais a si mesmo e seus filhos do que a Deus.

A sentença de que Deus faria algo que “faz tinir os ouvidos” é utilizada em 2 Rs 21.12 e Jr 19.3. É de fato uma sentença pesada para quem está iniciando o ministério profético e indica o caráter desse ministério. Nem sempre seria fácil, para Samuel, entregar a palavra de Deus ao povo. Porém, a “entrega da mensagem na íntegra mostra o quanto Samuel considerou atentamente tudo quanto Deus lhe havia dito, sem precisar escrever a mensagem. Não se atrapalhou e entregou-a com clareza”.³⁰ Samuel, por ser íntegro na entrega da mensagem, não entrou em contradição com a profecia anterior.

A partir de sua integridade, ainda se pode destacar que ele foi “profeta do Senhor” (1 Sm 3.20), sacerdote (1 Sm 7.9), “juiz de Israel por todos os dias de sua vida” (1 Sm 7.15), viajando uma vez por ano a Betel, Gilgal e Mispá julgando questões (1 Sm 7.16). Ele morava em Ramá onde construiu um altar em honra ao Senhor (1 Sm 7.17). Assim, Samuel foi o último juiz e o primeiro profeta³¹ e fundador da monarquia, sendo o elo de ligação entre os juizes e a monarquia, ou seja, entre Eli e Saul.

Eli foi tímido ao ensinar ou repreender seus filhos e viveu um fim trágico. Ana ensinou Samuel e este teve um final feliz. Portanto, da história de Samuel se pode concluir que os pais

³⁰ AKANI, 2010, p. 339.

³¹ O termo נָבִי *navi* (profeta) é mencionado antes de Samuel ocasionalmente, como em Gn 20.7, Êx 7.1, Nm 11.29. Porém Samuel, aparentemente, elaborou uma ordem mais específica de profetas, fundando escolas de profetas em Ramá (19.18-20). Também havia tais escolas em Betel, Jericó (2 Rs 2.3-5) e Gilgal (2 Rs 4.38). Veja mais informações em CULVER, Robert D. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 904-906.

devem ensinar a criança. Ela não nasce sabendo tudo, precisa de orientação adequada dos pais.

Pode-se perceber, na descrição das pessoas acima citadas, que não eram apenas crianças que se tornaram adultos, mas algumas das mais importantes revelações de Deus foram feitas por meio delas. Tais revelações são necessárias para o desdobramento e a realização do plano de Deus para a redenção da Humanidade.

Encerra-se este item sobre as crianças do AT com um parágrafo de Lutero aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs:

Na verdade, é pecado e vergonha o fato de termos chegado ao ponto de haver necessidade de estimular e de sermos estimulados a educar nossos filhos e a juventude e de buscar o melhor para eles. A própria natureza nos deveria convencer disso e também o exemplo dos gentios nos deveria incentivar em vários sentidos. Não existe animal irracional que não cuide de seus filhotes e não lhes ensine o que lhes convém, com exceção da avestruz a respeito da qual Deus diz em Jó [...] (39.13-16) que é tão rigorosa com seus filhotes como se não fossem seus e que deixa seus ovos abandonados no chão. De que nos valeria se, no mais, tivéssemos e fizéssemos tudo e fôssemos todos santos, mas deixássemos de fazer aquilo que é a razão principal de nossa existência: a educação da juventude? Em minha opinião, nenhum pecado exterior pesa tanto sobre o mundo perante Deus e nenhum merece maior castigo do que justamente o pecado que cometemos contra as crianças, quando não as educamos.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma criança era considerada bênção de Deus entre os israelitas (Sl 127.3). Ter muitas crianças ou filhos era um favor divino especial. As mulheres que não podiam ter filhos eram desprezadas, como Sara, Rebeca, Raquel, Ana e muitas outras. Os rabinos diziam que “o homem sem filhos deveria ser considerado morto”.³³ O nascimento de um filho era tão importante que até o sábado poderia ser violado para trazer a parteira ou acender o fogo para esquentar água, se fosse necessário para ajudar a criança e a mãe.³⁴

As crianças eram desmamadas por volta dos três anos de idade. No dia do desmame era dada uma festa (Gn 21.8) e oferecidos sacrifícios (1 Sm 1.24). A mãe educava a criança (Pv 31.1). Quando esta atingia os cinco anos de idade os pais se dedicavam com mais intensidade à educação. A criança desmamada representa a alma sossegada: “De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança recém-amamentada por sua mãe; a minha alma é como essa criança” (Sl 131.2).

A criança e os bebês são extremamente importantes para Deus. Ele firmou Seu nome a partir delas. Como diz o salmo davídico: “Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos firmaste o teu nome como fortaleza” (Sl 8.2). Jesus parafraseou esse verso dizendo: “Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos suscitaste louvor” (Mt 21.16). Em muitos textos da Bíblia as crianças aparecem impactando fortemente a estrutura social da época.

Ainda sobre cada criança abordada, pode-se concluir:

³² LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Tradução de Ison Kaiser. São Leopoldo: Sinodal – Concórdia, 2011. Vl. 5. p. 307.

³³ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo. Vida Nova, 1983. p. 73.

³⁴ SHABAT. 18.3.

Ismael ensina que o povo de Deus tem os recursos próprios necessários para atendimento de crianças em situação de vulnerabilidade social e a igreja deve proferir bênçãos na vida das crianças assim como proporcionar condições para o cumprimento destas bênçãos.

Isaque chama atenção para a providência divina e de como Deus não aceita o assassinato e nem mesmo é favorável ao sacrifício de crianças.

Moisés mostra que, mesmo numa época em que o mundo globalizado e ideologias antagônicas à família se desenvolvem, deve-se continuar crendo no núcleo familiar patriarcal monogâmico.

Menina Anônima, que no céu terá um nome excepcional, aponta que Deus restaura tanto vítima quanto opressor.

Samuel exige atenção, afeto e educação por parte dos pais para com seus filhos, principalmente em um ambiente carente destas qualidades paternas.

Como visto acima, as crianças são bênçãos para os pais e Deus desenvolve Seus planos por meio delas. Enquanto adultos reclamam e criticam uma situação, a criança simplesmente se deixa usar por Deus para cumprir Seus propósitos em relação à Humanidade. Entende-se, portanto, que casais que ainda não possuem filhos, que os tenham, não apenas para manutenção das taxas de fecundidade e manter a população, mas para perpetuar os decretos de Deus de geração em geração.

REFERÊNCIAS

BARTON, J. **Piyne**. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CASO Isabela Nardoni. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Isabella_Nardoni>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CETINA, Edesio Sánchez. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton. (Orgs.). **Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância**. Tradução de Flávio Conrado e Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2003. v. 6.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1983.

DE VAUX, R. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003.

FEINBERG, Charles L. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GILCHRIST, Paul R. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR. Geason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KEVAN, E. F. In: DAVIDSON, F. (Ed.). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Tradução de Ilson Kaiser. São Leopoldo: Sinodal – Concórdia, 2011. Vl. 5.

MENINO boliviano deu suas economias a assaltante. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/menino-boliviano-deu-suas-economias-assaltante-191440626.html>. Acesso em: 28 fev. 2017.

NDJERAREOU, Abel. In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). **Comentário bíblico africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

RIVA, Pinky. In: SEGURA, Harold. PEREIRA, Welinton. (Org.). **Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

SCHACH, Vanderlei A. Família x Escola. **O Batista Pioneiro**. Ano 90, nº, 12. Dez 2016. p.16.

SCHACH, Vanderlei A. Família x Socialismo. **O Batista Pioneiro**. Ano 90, nº 09. Set. 2016. p.16.

UNICEF. **ECA 25 anos: avanços desafios para a infância e adolescência no Brasil**. UNICEF. Jul. 2015.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional